



Proscrita em Hollywood, Susan Sarandon divide tela com Luca Marinelli em 'The Echo Chamber'



'L'Estranea', de Paolo Strippoli, ganha as telas do Lido nesta terça-feira (8)



Laureado com o prêmio de atuação de Veneza em 2025, Toni Servillo retona com Scherzetto



'Il Fuoco Che ti Porti Dentro' põe Edoardo De Angelis em competição

faroeiro (com as macarronadas de Sergio Leone, Tonino Valerii e Sergio Corbucci) ou nos épicos de gladiadores (o peplum), mingou por um bom tempo, de 1984 a 2008, vendendo suas fontes de fomento à produção cinematográfica escassearem. Até campeões de bilheteria como Carlo Pedersoli e Mario Girotti (conhecidos como Bud Spencer e Terence Hill) deixaram de fazer os longos da franquia "Trinity", sob a guilhotina de Berlusconi, restando visibilidade a poucos cineastas. Giuseppe Tornatore (com "Cinema Paradiso") e Roberto Benigni (com "A Vida É Bela") souberam flertar

com as receitas da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.

Resistentes do movimento moderno também se mantiveram firmes, como o finado Bernardo Bertolucci (1941-2018) — que fez incursões pelo Oriente e filmou em outras línguas — e o até hoje imparável Marco Bellocchio, que filmou "O Traidor" (2019) no Rio e está rodando "Falcon", com Pierfrancesco Favino, sobre o empresário Sergio Marchionne, da Fiat. Mas esses dois são crias dos anos 1960. Moretti, não. É, portanto, cria de outra Itália, desmobilizada da tradição e mesmo

da revolução dos modernos do novo cinema de vanguarda. Nem por isso deixou de buscar revoluções, filme a filme.

Há outros revolucionários como ele na grade de Veneza, mas fora de concurso. Um deles é Mario Martone (de "Nostalgia"), que conta com o Raul Cortez chamado Toni Servillo à frente de "Scherzetto". O astro, premiado com a Copa Volpi de 2025 — o troféu oficial de Melhor Atuação de Veneza, entregue a ele por Fernanda Torres, que era jurada no ano passado — por "La Grazia", regressa agora no papel do ilustrador Daniele Mallarico.

Aos 70 anos, ele terá de cuidar do neto, Mario, que tem cinco anos e é um pequeno furacão.

Com status de medalhão autor, Gianni Amelio ("As Chaves de Casa") clama para si os holofotes do Lido com "Nessun Dolore", escalado em exhibições paralelas à corrida ao Leão. É um drama intimista sobre imigração, estrelado por Alessandro Borghi ("As Oito Montanhas") e Valeria Golino ("Rain Man"). Em sua narrativa, um fenômeno contagiante do sono atinge toda a população de uma cidade. Dois escoteiros continuam sendo os únicos acordados.

Nesta terça-feira, a competição pelo Leão de Ouro confere "L'Estranea", de Paolo Strippoli. Em seu enredo, uma mulher aparece inesperadamente à porta da casa da filha para lhe contar a verdade sobre sua família — uma verdade ligada a um pacto firmado muitos anos antes com uma desconhecida. Com a revelação, um segredo enterrado durante anos está de volta para cobrar seu preço.

Nesta quarta-feira, é a vez de "Il Fuoco Che Ti Porti Dentro", de Edoardo De Angelis (o mesmo do épico bélico "Comandante"). Seu protagonista, Antonio, deixou Nápoles muitos anos atrás e construiu em Milão uma família e uma carreira de sucesso, mantendo-se distante de sua mãe, Angela — uma mulher excessiva, para o bem e para o mal, mas irresistível. Ela vai visitá-lo no Natal e parece decidida a ficar.

Exibido no domingo e na segunda-feira a uma Veneza curiosíssima, "The Echo Chamber", de Andrea Pallaoro, pode dar a Copa Volpi à veterana Susan Sarandon, hoje proscrita nos EUA por atos políticos avessos ao trumpismo. Sua premissa veio de Bertolucci (que nos deixou em 2018). Em seu olhar para o amor e os espaços, Leo (Luca Marinelli) e Anne (Alicia Vikander) perseguem um ao outro, aproximam-se, perdem-se e voltam a se procurar. Não conseguem se separar, mas tampouco conseguem se libertar. Pelos cômodos ressoa a voz de Ava (Sarandon), atravessando o tempo e fazendo emergir aquilo que resiste — ou aquilo que já não pode mais ser contado.

Veneza anuncia sua premiação no dia 12, data em que se saberá a sorte de "Retorno a Buenos Aires" e de Marco Bechis, cineasta antes conhecido por "Terra Vermelha" e "Garagem Olimpo". Estrelado pelo italiano Adriano Giannini, o filme reúne Paula Cohen e Eduardo Hoy, do Brasil, em papéis de destaque, além das atrizes argentinas Ana Celentano, Vero Gerez e Olivia Nuss. Cineastas de peso de nosso front autoral, como Cibele Amaral ("Momento Trágico") e André Ristum ("Meu País"), estão nos créditos de produção da fita.

Em "Retorno a Buenos Aires", o personagem central, Mariano Guerra (Giannini), é chamado a retornar à Argentina para testemunhar no julgamento dos militares que o sequestraram e torturaram durante a ditadura militar — a mesma que, em 1978, organizou a Copa do Mundo de Futebol enquanto o país vivia sob uma repressão clandestina. A história dialoga diretamente com a trajetória do próprio Bechis, que foi preso político durante a ditadura argentina, vivência que marca sua filmografia e confere ao longa um caráter testemunhal.

Resta saber seu impacto sobre a presidente do júri, a atriz e cineasta Maggie Gyllenhaal, e os demais integrantes do colegiado.